

Malasarte era muito sabido. Quando tinha seis anos, os pais o mandaram a uma escola de Ambleben: Todos os meninos têm de ir a uma escola, mesmo os que sabem mais que o professor.

Uma vez, em caminho da aldeia, o nosso herói encontrou-se com o Arquiduque. Este gostava muito de mexer com a astúcia do inteligente garoto.

- Aonde vai, garoto? perguntou-lhe o Arquiduque.

- Não está vendo logo que eu vou pra escola?

- Pois toma um tostão pra comprar um bolo.

- Só se eu fôsse tolo... replicou o garoto.

- ?

- Tolo sim! quando meu pai me vir com o tostão, há de querer saber onde eu fui encontrar o tostão. Não acreditando que alguém me tenha dado o tostão, vai é me bater. Compreendeu?

- Ora que menino bobo! Se é só por isso, leva o tostão contigo, retorquiú-lhe o Arquiduque. Quando teu pai quiser saber quem te deu o tostão, tu dirás a êle que foi o Arquiduque. Está acabado, tolo!

- Ah! meu pai não acreditará!

- E por que teu pai não acreditará?

- Veja só! Onde se viu um Arquiduque dar a uma pessoa um tostão sòmente? Ninguém ~~xxxxxxx~~ acredita!

- Então, toma lá essa moeda de ouro. Agora quero ver se teu pai não acredita que foi o Arquiduque!

Era mesmo o que o pequeno Malasarte queria.

- Mas que Arquiduque mais bobo!

O fato é que Malasarte, já naquela idade, sabia se aproveitar das situações que se lhe ofereciam. Uma vez, a mãe, tendo de ir à feira, num lugarejo perto, pediu ao menino para acompanhá-la. O garoto pintou o sete na feira. Houve uma ocasião em que escorregou numa casca de fruta e derrubou uma barraca de quinquilharias. E de tardinha, ao escurecer, tendo se besuntado de mel, rolou num ~~montão~~ montão de folhas secas, donde ~~se~~ saiu feito um estranho bicho, fazendo medo às pessoas que se retiravam. Então ~~ele~~ ventou ir se lavar numa fonte próxima. Era já noite, e o herói acabou ser perdendo da mamãe. Quando terminou o banho, o pequeno Malasarte estava fatigadíssimo: Resolveu, assim, procurar por certo um lugar ~~para~~ para dormir. Achou, detrás de uma cocheira, um recanto do pátio, onde havia uma fila de colméias. Destas, algumas estavam vazias. Escolheu uma e se acomodou dentro dela, adormecendo profundamente.

A mãe tendo procurado em tôda a parte o menino, pensou que o traquinas houvesse voltado, sozinho, à casa. Ficou descansada e arrumou a trouxa para regressar.

Aconteceu que nesta mesma ~~noite~~ noite, dois ladrões entraram

no colmeial, em que o pequeno Malasarte se havia abrigado.

- Eu sempre tenho ouvido contar, dizia um dos ladrões ao outro, que o melhor cortiço é o que pesa mais!

- Não tenho lá muita prática de colméias, mas já ouvi dizer também que a melhor é a que pesa mais.

Desta forma os dois ladrões que eram fortíssimos, experimentaram, uma por uma, tôdas as colméias espalhadas no colmeial, e quando tomaram o peso da colméia em que o futuro bobo dormia a sono solto, disseram admirados:

- Esta é a melhor! Que peso! Deve ter muito mel!

Tomando-a nos ombros, um deles carregou a colméia, enquanto o outro ia ao lado para ajudar, quando o companheiro cansasse.

Entretanto, Malasarte acordara e ouvira as exclamações de alegria, com que os gatunos festejavam a ventura de ter feito aquele extraordinário furto. Estava, porém, tão escuro em redor, que os dois comparsas mal podiam se enxergar. Erguendo-se então, cautelosamente, de seu esconderijo, o menino estendeu o braço, e com um movimento rápido de mão, deu um violento puxão no cabelo do ladrão que ia na frente. O ladrão ficou fulo com a brincadeira, que pensava ter partido do companheiro:

- Acaba com essa brincadeira, hein!

- Você está é cochilando aí na frente, sem-vergonha, res-

pondeu o que ia atrás com a colmeia. Como é que eu posso puxar o seu cabelo, se nem posso mexer um dedo para coçar a ponta do nariz! Você está doido!

Malasarte viu que os ladrões se dirigiam para a sua aldeia e ficou bem satisfeito de arranjar, quando menos esperava, aquela ótima condução. Numa volta do caminho, estendeu novamente a mão, e desta feita puxou o cabelo do homem que o levava.

- E' conveniente não repetir a brincadeira segunda vez, porque sou capaz de arriar a carga para te dar uma sova, em regra.

Mal acabara de falar, Malasarte arruma um novo tabefe bem no cangote do outro ladrão. Êste virou-se para o companheiro e pretendeu retribuir o golpe, mas como estava muito escuro nada conseguiu. Bufando de raiva avisou:

- Você foi feliz de não ter recebido nesse escuro o tabefe que lhe mandei agora. Mas outro não errarei, não. Vai ver!

- Pam!

Malasarte tinha arrumado a mão no toitiço do meliante que o levava. Era já próximo da aldeia, e quando os dois ladrões, sob a claridade do primeiro lampião, se avistaram, viram que ambos estavam roxos de pancada. Pensaram que era de raiva. Engalfinharam-se em luta de socos e pontapés em que cada qual apanhou sua boa dose de pancadas.

Quando os dois já se achavam quase nocaute, Malasarte, que havia saído cautelosamente da colméia, chegou para perto:

- Vocês são duas boas bestas para carregar e para dar coices. E como têm bastante inteligência para ladrões, quando eu quiser dois burros, não é com mel que os procurarei, mas com capim.

Assim foi crescendo Malasarte, mangando dos poderosos e dos sabidos, quando êstes poderosos e êstes sabidos eram ridículos. E como os poderosos e ridículos eram muitos, Malasarte sofria, em tôda a parte, a má vontade deles.

Sem trabalho, sem emprego, considerado como um atrapalha-serviço em todo lugar para onde ia, Malasarte cometia constantemente as tropelias e palhaçadas que lhe vinham à cabeça; de tal forma que as pessoas, em breve, tomavam-no, sem êle querer, como maluco, ou antes, como um preguiçoso metido a pândego. E assim qualquer sujeito, que se presumia de bom senso, achava de divertir-se às custas dele.

Uma vez, perguntou-lhe um dêsses sabidos:

- Tu não és de Kneitlingen, em Schöppenstädt?

- Sou de lá mesmo.

- Neste caso, quero que você me diga, quantos malucos há por lá?

- Olhe! eu não ando muito bem informado, respondeu Mala-

sarte, mas se você quer saber quantas pessoas de juízo existem lá, então já lhe posso garantir que a minha terra não é muito diferente da sua onde qualquer maluco se acha com o direito de fingir que tem juízo.